

**OFÉLIA FONSECA**

**A mulher no Futebol**

Tatiana Grimberg Hamer

São Paulo - SP

2020

Tatiana Grimberg Hamer

## **A Mulher no futebol**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Colégio Ofélia Fonseca como requisito básico para a conclusão do Curso do Ensino Médio.

**Orientador: Guilherme Gomes**

São Paulo-SP

2020

## **AGRADECIMENTOS :**

O desenvolvimento da escrita dessa pesquisa se tornou muito mais simples e menos desgastante com a ajuda de algumas pessoas que foram essenciais tanto na parte escrita deste trabalho quanto na parte psicológica nos momentos em que me senti perdida durante o processo.

Primeiramente agradecer ao meu orientador e professor Guilherme Gomes que sempre soube me direcionar para o bom desenvolvimento do trabalho, por escutar as minhas ideias e me ajudar a desenvolvê-las e principalmente por ir me dando mais confiança ao longo do processo, o apoio dele foi realmente muito importante.

Também agradecer a professora Tatiane de literatura e de TCC que desde o começo vem se mostrando sempre disponível pra ajudar e me dando sugestões e ideias para o bom andamento deste trabalho.

E por último agradecer meus pais, minha mãe Daniela que desde o início vem me dando muito apoio emocional e foi um apoio muito essencial e importante, também ao meu pai Sergio que além de ter me ajudado emocionalmente me auxiliou muito na parte da escrita me dando várias ideias e me ajudando a desenvolver as minhas próprias ideias.

**RESUMO:**

Essa pesquisa tem como objetivo traçar um panorama histórico das mulheres no mundo do futebol, analisando os diferentes tratamentos que as mesmas recebem em relação aos homens desde o início da prática desse esporte. Esses preconceitos englobam aspectos físicos, econômicos, culturais e morais que dificultam ainda mais a carreira das atletas. Apesar de toda a dificuldade, é possível perceber grandes conquistas (mesmo que lentamente) entre as protagonistas do futebol feminino: jogadoras, torcedoras, dirigentes, técnicas etc.

**ABSTRACT:**

The objective of this research is to draw a historical panorama of women in the world of soccer, analyzing the different treatments they receive in relation to the men since the beginning of the practice of this sport. These prejudices include physical, economic, cultural and moral aspects that make the career of athletes even more difficult. Despite all the difficulties, it is possible to see great evolutions (slow evolutions) among the protagonists of women's soccer: players, fans, managers, coaches etc.

## **SUMÁRIO:**

<b>RESUMO.....</b>	<b>P.4</b>
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>P.6</b>
<b>CAPÍTULO 1: Futebol feminino: Um panorama histórico.....</b>	<b>P.8</b>
<b>1.1: O surgimento do futebol feminino.....</b>	<b>P.8</b>
<b>1.2: A história do futebol feminino no Brasil.....</b>	<b>P.10</b>
<b>1.3: Jogadoras no Brasil.....</b>	<b>P.14</b>
<b>CAPÍTULO 2: O preconceito no futebol feminino.....</b>	<b>P.18</b>
<b>2.1: A origem do preconceito.....</b>	<b>P.18</b>
<b>2.2: Um abismo de desigualdade.....</b>	<b>P.19</b>
<b>2.3: Preconceito nas arquibancadas.....</b>	<b>P.22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>P.26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>P.28</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O início da relação das mulheres com o futebol acontece desde 1898 na Inglaterra. No Brasil, a primeira partida oficial foi em 1921, e desde sempre com um enorme preconceito. O Futebol feminino era considerado impróprio para as mulheres por ser um esporte muito violento. Com isso, em 1940, foi criada uma lei que proibia mulheres de praticarem o futebol, mais especificamente a lei proibia a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”.

Essa lei durou até 1979, e depois de sua revogação, diversos times foram criados e o futebol feminino passou a ter mais visibilidade quando a primeira seleção feminina foi convocada pela CBF em 1988. Hoje em dia, o futebol feminino se desenvolveu muito e ainda está em um processo de evolução, entretanto ainda existem casos de desigualdade no esporte, estamos passando por um processo de desconstrução da ideia de que é apenas um esporte para homens.

A importância desse tema para sociedade é refletir sobre o machismo presente no universo do futebol feminino. As atletas, por um lado, lidam com uma grande diferença salarial em relação aos homens e jogam campeonatos mal organizados. As torcedoras, por outro lado, sofrem um preconceito considerável simplesmente por gostarem do esporte, pois o senso comum afirma que futebol não é lugar para mulher.

Como o preconceito afeta a relação da mulher com o futebol? Existem vários casos de discriminação com as jogadoras, muitas delas são masculinizadas, os campeonatos femininos são menos valorizados em comparação aos masculinos e grande parte das torcedoras são questionadas por irem aos estádios e acompanharem o futebol.

O tema dessa pesquisa foi escolhido a partir da paixão que a autora do texto tem pelo futebol. Pelo fato de ser mulher, torcedora apaixonada e frequentar estádios desde pequena, constata cada vez mais a participação das mulheres neste cenário e a evolução do futebol feminino, que cada dia a deixa mais interessada a aprender mais.

O presente trabalho, que será realizado a partir de pesquisas bibliográficas de artigos e livros que tratam sobre a mulher no futebol, pretende apresentar este tema a partir do seguinte recorte. No primeiro capítulo será levantado o surgimento do futebol feminino, a história do esporte no Brasil e no mundo e também serão citadas algumas jogadoras brasileiras. No segundo capítulo, será aprofundado os diferentes preconceitos sofridos pelas mulheres jogadoras de futebol: questão salarial, masculinização e o preconceito com as torcedoras.

## **CAPÍTULO 1: Futebol feminino: Um panorama histórico.**

O futebol tem uma grande importância na sociedade brasileira, é o esporte mais popular do Brasil e muita gente se identifica com ele, conseqüentemente, pratica e assiste o mesmo. Tem grandes impactos sociais e econômicos, como a venda de produtos, empregos diretos e indiretos, eventos, publicidade e exposição nas mídias

Este capítulo visa discorrer sobre a participação das atletas e torcedoras no cenário do atual futebol brasileiro. Abordará, em um primeiro momento, uma breve história do futebol feminino no mundo e, num segundo momento, de forma mais aprofundada e cronológica, a história e conquistas do futebol feminino no Brasil.

### **1.1 Surgimento do futebol feminino**

O futebol nasceu na Europa no século XIX como um esporte da elite, e nessa época a elite era extremamente machista, então só havia espaço para os homens jogarem e assistirem.

O primeiro time de futebol feminino foi o “british ladies football club”, fundado em 1894. O time foi formado por Nettie Honeyball e Florence Dixie e a intenção delas foi encorajar as mulheres a entrarem nesse esporte que até então era tido como “masculino”. A primeira partida oficial aconteceu dia 23 de março de 1895 em Crouch End em Londres, as equipes foram divididas entre as meninas do sul e do norte do País.

Segundo Silvana Vilodre Goellner, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as mulheres passaram a ter mais acesso ao esporte durante as primeiras décadas do século XX, a razão disso foi a participação da modalidade feminina nas olimpíadas modernas e com isso, elas passaram a ter um pouco mais de visibilidade.



“A habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar iguais as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina.” (LENKKYJ citado por A DELMAN, 2003, p 448).

Ainda no século XX, a realização de exercícios físicos para mulheres tinha o objetivo de principalmente fortalecer o corpo para que ficassem mais preparadas para a maternidade, porém o futebol era um exercício físico considerado muito violento para o corpo da mulher.

Segundo Fábio Franzini, doutorando de histórias sociais da USP, na Inglaterra, o futebol feminino passou a ter mais popularidade durante a Primeira Guerra Mundial, quando os homens foram para os campos de batalha e tiveram que “abandonar” os campos de futebol, isso resultou em jogos femininos e também beneficentes, realizados pelas mulheres para ajudar os soldados, porém quando a guerra chegou ao fim, as mulheres voltaram a ser secundárias e o foco voltou para o futebol masculino.

Fábio Franzini também afirma que durante esse mesmo período na França as mulheres que praticavam o esporte evitavam entrar em confronto com os homens e passaram a ter as suas próprias regras para o jogo, o que lhe garantiu o direito de jogar até 1926, após isso passaram a ser secundárias, mesmo fato aconteceu na Inglaterra.

Segundo Leandro Stein, do site “trivela”, após o período da primeira guerra mundial os homens voltaram ao futebol e as federações Europeias e principalmente a Inglesa praticamente proibiram a prática do futebol feminino, proibindo seus associados a manter equipes femininas ou ceder seus campos para os jogos entre mulheres, neste cenário o futebol feminino ficou relegado aos esquecidos. Somente

em 1971 a UEFA (confederação europeia de futebol) recomendou que seus filiados passassem a promover torneios de futebol feminino, com essa orientação devagar as federações nacionais foram incentivando o esporte mas que só registrou real importância na década de 80, quando inclusive as seleções nacionais de futebol feminino começaram a surgir.

Nos anos que seguiram, o desenvolvimento do futebol feminino na Europa e nas Américas se deu de um forma discreta sempre a sombra do futebol disputado por homens. Já os países nórdicos e da Ásia, principalmente a China, onde o futebol disputado por homens não tem grande destaque, apresentaram bons resultados nas primeiras copas do mundo e olimpíadas onde o futebol feminino foi disputado.

Nos Estados Unidos onde o futebol não é o principal esporte, ficando atrás do futebol americano e beisebol que são esportes praticados exclusivamente pelos homens, e também do basquete, destaca-se que futebol é o principal esporte coletivo praticado por mulheres sendo extremamente comum a prática competitiva e recreativa.

No continente Africano ainda não é possível ver uma evolução no futebol feminino, talvez em função de neste continente as sociedades serem extremamente machistas.

## **1.2 História do futebol feminino no Brasil**

O futebol chegou ao Brasil em 1895 através de Charles Miller, um brasileiro que estudava na Inglaterra e lá teve o contato com o esporte. De acordo com Silvana Vilodre Goellner, da universidade federal do Rio Grande do Sul, a primeira partida de futebol feminino ocorreu em 1921 entre as equipes das senhoritas do bairro Tremembé contra as senhoritas do bairro Cantareira. Havia um preconceito muito grande, uma vez que o esporte era considerado bruto para as mulheres e a presença feminina no esporte não agradava às famílias conservadoras.

Em 1941, uma lei que proibia as mulheres de praticarem o esporte foi instituída, mais especificamente esse decreto definia que:

às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (decreto n.3.199, 1941).

Segundo Giovana Capucim e Silva, historiadora da USP, até acontecer a revogação do decreto n.3199 as mulheres não pararam de praticar o esporte, elas sempre marcavam presença ou nos eventos de caridade ou até mesmo em jogos de várzea, a maior preocupação delas não era a resistência do Estado, mas sim o preconceito de suas famílias.

O decreto apresentado teve sua revogação no final da década de 70, mas só em 1983 houve a regulamentação da modalidade, então as mulheres foram permitidas a competir, tendo o Radar e o Saad como os primeiros clubes profissionais do futebol feminino. Em 1988 a FIFA (federação de futebol internacional associado) proporcionou um torneio na China “Women's Invitational Tournament.” Foi um torneio que possibilitou o desenvolvimento da modalidade feminina, 12 seleções participaram e o Brasil acabou ficando com a medalha de bronze, uma curiosidade é que não foram confeccionados uniformes para este torneio, as mulheres tiveram que usar sobras das roupas masculinas.

Em 1991, aconteceu a primeira copa do mundo feminina, segundo a pesquisa “ A história do futebol feminino no Brasil” realizada por Amanda Kestelman e Cintia Barlem do globo esporte, aponta que foi nesse mesmo ano que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) assumiu o time feminino brasileiro, porém com um tratamento ainda muito amador e com menos de um ano de treinamento a seleção acabou sendo eliminada na primeira fase jogando apenas três jogos. O primeiro contra o Japão, que foi o primeiro jogo e primeira e única vitória, com a

zagueira Elane marcando o primeiro gol da seleção brasileira em uma copa do mundo e outros dois jogos contra os Estado Unidos e Suécia cujos resultados foram negativos.

Quatro anos depois, em 1995, aconteceu a segunda copa do mundo que o Brasil também teve uma eliminação precoce na primeira fase. A revista Placar do mês de agosto de 1995 reporta a eliminação da seleção brasileira a partir da falta de organização e o amadorismo na modalidade, o título da reportagem foi: “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens” (PLACAR, agosto de 1995, p.34). Segundo Fábio Franzini, doutorando em história social-USP, durante essa copa do mundo o Secretário-Geral da FIFA, Joseph Blatter, deu a seguinte declaração: “O futuro do futebol é feminino. Estamos convencidos de que por volta de 2010 o futebol feminino será tão importante quanto o masculino”.

No ano de 1996, os jogos olímpicos de Atlanta ficaram marcados pela estreia da modalidade feminina, conforme a mesma pesquisa realizada pelas repórteres do globo esporte, a seleção ainda tinha a presença de veteranas das copas do mundo, o Brasil fez uma boa campanha, mas não conseguiu chegar no pódio, perderam a medalha de bronze para a Noruega por 2X0.

Na copa do mundo de 1999, a seleção brasileira ainda seguia sendo desacreditada, mas com uma campanha muito boa apresentada nos Estados Unidos, sede da copa do mundo, com o resultado negativo no jogo da semifinal conseguiram conquistar a medalha de bronze jogando contra a Noruega, ganhando nos pênaltis.

Em 2004, nas olimpíadas de Atenas a seleção brasileira conseguiu conquistar a medalha de prata. Segundo Leonardo Tavares, doutorando em educação pela Unicamp e Laura Moraes, licenciada pelo Unesp, a seleção brasileira se superou, chegando a final com o melhor ataque e melhor defesa da competição. Foi uma vitória, mas não só no sentido de ganhar e sim no sentido da construção de um ideal de tratamento mais justo em relação ao corpo feminino.

Um fato marcante na história do futebol feminino no Brasil aconteceu em 2006, quando Marta fez história e ganhou o prêmio da FIFA de melhor jogadora do mundo. Em seu discurso, ela prometeu que iria se esforçar para ganhar esse prêmio novamente: "E vou continuar trabalhando firme para voltar aqui mais vezes" (MARTA, 2006)

Na copa do mundo da China de 2007, o Brasil conquistou a segunda colocação, apenas perdendo para a Alemanha na grande decisão. Marta fez história mais uma vez, além de fazer o gol até então mais bonito de sua carreira ganhou novamente pelo segundo ano seguido o prêmio FIFA de melhor jogadora do mundo.

Outro grande feito da seleção brasileira ocorreu em 2008, nos jogos olímpicos de Pequim, quando o time feminino do Brasil ficou na segunda colocação após serem derrotadas pela seleção norte-americana, sendo assim conquistando a medalha de prata, e pela terceira vez consecutiva Marta foi eleita a melhor do mundo.

Em 2009, uma novidade chegou no futebol feminino no Brasil, a disputa da Taça Libertadores da América (campeonato sul americano interclubes) e o título da competição foi conquistado pelo time Santos Futebol Clube. O campeonato Brasileiro de Futebol Feminino só passou a ser disputado no ano de 2013 e é disputado anualmente até os dias atuais.

Na copa do mundo de 2011, realizada na Alemanha a seleção brasileira não teve uma grande atuação na competição, perdeu para a seleção dos Estados Unidos na fase das quartas de final.

Em 2016, o ano da realização dos jogos olímpicos no Brasil, pode ser considerado o ano do início da afinidade do torcedor brasileiro com a sua seleção feminina. Segundo a pesquisa "A história do futebol feminino no Brasil" realizada pelo Globo esporte, a seleção fez uma primeira fase tão espetacular que encheu os torcedores de expectativa, a expectativa da medalha de ouro, mas infelizmente o time passou por duas derrotas, contra a Suécia e Canadá, derrotas que custaram uma medalha para a seleção. Com isso, Vadão, então técnico da seleção, pediu

demissão e em seu lugar entrou Emily, que foi a primeira treinadora mulher a ocupar esse cargo de técnica da seleção principal.

Uma decisão muito importante foi tomada pela CONMEBOL (confederação sul americana de futebol) em 2017, a confederação obrigou todos os clubes que desejam continuar disputando os campeonatos masculinos a criarem um time feminino até 2019, a CBF tomou a mesma decisão.

Em 2019, o cenário do futebol feminino teve uma mudança muito positiva. Os clubes cumpriram as ordens da Conmebol e da CBF e passaram a ter times femininos, também a TV GLOBO, rede televisiva de grande alcance popular, anunciou que pela primeira vez iria transmitir os jogos da copa do mundo feminina disputada na França e, conseqüentemente, rendeu maior visibilidade ao evento. “Muita gente só está descobrindo agora que existe uma Copa feminina”, afirma Juliana Cabral, ex-zagueira e capitã do Brasil no Mundial de 2003.”

Outro fator importante, segundo o jornal *El país*, é que foi o primeiro ano que a seleção brasileira feminina teve um uniforme próprio com um selo escrito “Mulheres guerreiras do Brasil”, produzido pela nike. A marca também produziu um comercial exaltando a representatividade feminina, outra marca a Adidas tomou uma iniciativa espetacular de igualar a premiação do feminino em comparação ao masculino.

A partir de dados apontados pela CBF, a seleção Brasileira teve um desempenho bom, mas não foi o suficiente para durar muito no mundial. Nas quartas de final, no jogo contra a seleção francesa e um dos melhores jogos dessa edição, a seleção lutou, mas não conseguiu avançar e foi eliminada.

### **1. 3 Jogadoras no Brasil**

Como foi possível observar, o futebol feminino poucas vezes contou com o apoio de patrocinadores e confederações. Quase sempre dependeu de seus

talentos individuais que se sobressaíram por si mesmas com pouco ou nenhum suporte, como podemos constatar nos exemplos de Marta e Formiga

De acordo com a pesquisa “De Dois Riachos ao topo do mundo: em seis atos, a história de Marta, a garota que virou Rainha”, realizada por Cíntia Barlem do globo esporte, desde sua infância Marta sempre foi muito ligada ao futebol, quando tinha apenas 14 anos recebeu uma proposta para participar dos testes do departamento do time do Vasco e seguiu sozinha de ônibus para o Rio e Janeiro. Helena Pacheco sua nova treinadora e mentora já reconhecia o talento da jogadora e dizia que era “faminta” pela bola, porém seu sonho foi interrompido. Quando o Vasco extinguiu o seu time feminino, sua treinadora, reconhecendo o talento da Marta, ajudou a concretizar o seu sonho e conseguiu um espaço para a jogadora no time Santa Cruz de Mina Gerais.

Marta teve sua grande chance em 2004 quando recebeu uma proposta de um time da Suécia e foi a partir disso que começou a mostrar seu brilho e talento. No mesmo ano, foi convocada para as olimpíadas e dois anos depois conquistou seu primeiro prêmio de melhor jogadora do mundo e em 2018 conquistou seu sexto prêmio. Marta é considerada a rainha do futebol, ela fez e continua fazendo história.

Outro grande feito da carreira da rainha do futebol foi ser eleita a maior artilheira da história das copas do mundo, incluindo a copa do mundo masculina, superando até Miroslav Klose (ex-jogador da seleção Alemã) e Ronaldo fenômeno, artilheiro da seleção Brasileira.

Se o futebol feminino tivesse a mesma relevância que o futebol masculino Marta provavelmente seria considerada a atleta do século como Pelé foi eleito o atleta do século passado.

É um momento especial e a gente tem que aproveitar. Digo isso no sentido de valorizar mais. Valorize! A gente pede tanto, pede apoio, mas a gente também precisa valorizar. A gente está sorrindo aqui e acho que é esse o primordial, ter que chorar no começo para sorrir

no fim. Quando digo isso é querer mais, treinar mais, estar pronta para jogar 90 e mais 30 minutos e mais quantos minutos forem necessários. É isso que peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Pensem nisso, valorizem mais. Chorem no começo para sorrir no fim. (MARTA, 2019)

Outra grande jogadora brasileira que é muito importante para história do futebol feminino é a Miraildes Mota, conhecida como Formiga.

Conforme a pesquisa “Formiga Formidável: a incrível história da brasileira que joga há mais de duas décadas pela Seleção” feita pela Amanda Kestelman do Globo Esporte, Formiga se apaixonou pelo esporte ainda quando era criança mas sofreu muito preconceito inclusive de sua família, seu irmão batia nela pelo fato de não gostar que ela se misturasse com os homens para jogar futebol, mas isso não a impediu de seguir com a sua paixão. "Mas mesmo assim eu continuava. Eu apanhava. No outro dia eu ia lá e jogava de novo, apanhava, engolia o choro e voltava a jogar".

Seu início oficial no esporte foi aos seus doze anos quando começou no futsal e logo depois para o futebol quando se destacou como revelação do campeonato Baiano. Aos 15 anos foi consagrada a revelação do campeonato Brasileiro, feito que possibilitou sua convocação para a seleção Brasileira.

Sua primeira atuação na seleção brasileira principal foi com seus 16 anos e continua assim até os dias atuais, Formiga passou por várias gerações, viveu diversas mudanças e quebras de paradigmas.

A jogadora alcançou o feito de ser a futebolista com mais jogos pela sua seleção, incluindo atletas femininos e masculinos, ela marcou presença em sete das oito copas do mundo já disputadas, além disso Formiga foi a atleta mais velha a jogar a copa do mundo de 2019, com 41 anos e muita habilidade. Formiga é um grande marco para a representatividade do futebol praticado pelas mulheres, sua



força, determinação e habilidade com certeza servem de inspiração para outras mulheres que sofrem o mesmo.

Neste capítulo foram abordadas questões relacionadas ao surgimento do futebol feminino no Brasil e no mundo, bem como uma análise da trajetória de algumas das principais jogadoras brasileiras . No próximo capítulo será levantado a questão do preconceito existente ao esporte praticado pelas mulheres.

## **CAPÍTULO II: O preconceito no futebol feminino**

Neste capítulo serão abordados os preconceitos existente no futebol feminino. Situações comparativas entre homens e mulheres no futebol, as diferenças sociais, da visão de gêneros e financeiro.

### **2.1 A Origem do Preconceito**

O espaço do futebol não é tradicionalmente visto como um espaço para as mulheres. Este aspecto reforça a crença na mulher como sexo frágil e na existência de uma vantagem biológica dos homens na prática do futebol. Entretanto, esse panorama está mudando e a participação das mulheres vem crescendo ao longo dos anos.

“Nos últimos séculos, a crescente participação da mulher em territórios legitimamente considerados como masculinos têm revelado uma nova dinâmica social caracterizada, especialmente, pela redução das diferenças entre os gêneros”  
(RAGO, 2007, BATISTA; DEVIDE, 2009)

Como dito anteriormente, de acordo com o estudo "Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática" de Fábio Luís Santos Teixeira e Iraquitan de Oliveira Caminha, inicialmente as mulheres eram excluídas totalmente dos esportes, apenas sendo aceitas suas participações em esportes "mais leves", com pouco contato físico, tal como dança, ginástica ou vôlei. Isto pode ser chamado do mito do sexo frágil ou medo de tornar o corpo masculino por meio do esforço físico intenso.

Para Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, os preconceitos existentes contra a

mulher no futebol são muito amplos, desde o preconceito com a sexualidade das atletas, que muitas vezes são questionadas, a comparação que fazem entre os atletas masculinos e as femininas e até mesmo a falta de visibilidade e auxílio financeiro em tudo que engloba o futebol feminino.

O preconceito em relação ao futebol feminino, segundo Teixeira e Caminha, tem uma vertente pedagógica, pois culturalmente no Brasil as aulas de educação física são divididos entre homens e mulheres, e normalmente só os homens que tinham contato com o futebol.

Os meninos ainda dominam amplamente os espaços destinados à prática esportiva, especificamente o futebol na escola, afirmam Souza Júnior e Darido (2002) que analisaram a aderência das meninas nas aulas de Educação Física. Depois de entrevistar 70 alunas da sétima série de Rio Claro-SP, os autores constataram que 88,57% das alunas acreditam que os meninos dominam o espaço do esporte na escola.

“(…) percebe que as meninas gostam de jogar futebol, entretanto, as condições de agressividade, impostas geralmente pelos próprios meninos, contribuem para o desinteresse de sua prática. Além disso, o espaço do futebol é entendido como espaço exclusivo para formação da masculinidade. Este aspecto ratifica a crença na mulher como sexo frágil e na existência de uma vantagem biológica dos meninos na prática do futebol” (AZZARITO et al, 2006)

## **2.2 Um abismo de desigualdade:**

“Guerreiras de chuteiras” é um estudo de campo realizado por Salvini e Júnior para a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, no qual foram entrevistadas jogadoras profissionais, que constataram que a maioria das jogadoras

sofre preconceito, que a profissão de jogadora de futebol, é vista muitas vezes com desdém como se não fosse algo sério.

É uma unanimidade entre as entrevistadas que uma das principais barreiras enfrentadas pelo futebol feminino é a falta de incentivo, principalmente financeiro. Algumas jogadoras até mesmo de seleção brasileira, não conseguem manter seu sustento exclusivamente do futebol.

Segundo a revista VEJA, o salário do futebol feminino brasileiro se equipara ao da Série C masculina, os homens ganham cerca de 118% a mais do que as mulheres. De acordo com informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) da Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia (antigo Ministério do Trabalho) os salários de mulheres são em média R\$ 2.556,34, já no caso dos homens, R\$ 5.577,53. A amostragem é de dez mil profissionais pesquisados. “Essa diferença salarial é um absurdo pior é que não sei se a gente vai conseguir igualar isso algum dia”, diz Cristiane, atualmente jogadora do Santos.

Em contrapartida em países da Europa e nos EUA, existe um elevado grau de profissionalização, com uma boa estrutura, calendário organizado, e uma boa remuneração, por isso muitas das nossas melhores jogadoras vão para o exterior desenvolver carreiras verdadeiramente profissionais.

De acordo com o El País a diferença salarial entre os gêneros no meio do futebol é gigante, nos Estados Unidos as jogadoras profissionais tem um salário mínimo de 16,538 dólares já os jogadores profissionais tem o valor de 70.250 de salário mínimo, uma diferença gritante.

Na Copa do Brasil em 2014, a última disputada pela seleção masculina dos EUA, a Federação de futebol dos Estados Unidos deu à equipe um bônus de 5,4 milhões de dólares o equivalente a 20 milhões de reais após a eliminação nas oitavas de final. Quando o feminino se consagrou campeão na final da Copa do Canadá em 2015, receberam bonificação de 1,72 milhão equivalente a 6,5 milhões

de reais. A ex-goleira da seleção americana, Hope Solo, resumiu dessa forma: “Eles recebem mais simplesmente por participar do que nós recebemos por ganhar”

Quando a seleção feminina dos EUA venceu a Copa do Mundo em 2015, o prêmio a dividir foi de 15 milhões de dólares. Devido à pressões, a FIFA elevou o valor a 30 milhões para o torneio na França em 2019 e o duplicará para a Copa de 2023. Mesmo com as mudanças feitas na premiação da copa do mundo feminina a desigualdade ainda permanece: na Copa da Rússia 2018, o prêmio da seleção masculina campeã foi de 400 milhões, e a FIFA já anunciou que no Qatar será de 440 milhões.

Nesta mesma direção, em agosto de 2020 a CBF decidiu equiparar o pagamento de diárias a atletas de que servem a Seleção Brasileira e partir de agora as jogadoras passarão a receber igual aos jogadores. Infelizmente esta medida por enquanto só é válida para as seleções, ainda muito distante da realidade nos clubes.

Além de terem que lidar com os baixos salários, muitas das jogadoras não têm registro profissional, ou seja não tem acesso aos seus direitos trabalhistas. Aline Pellegrino, diretora de futebol feminino da Federação Paulista de Futebol (FPF), defende que todas as condições precisam melhorar. “Temos de focar em aumentar o número de campeonatos, principalmente nas categorias de base, e focar na estrutura para os treinamentos e partidas”. Apesar do futebol feminino no Brasil ser centenário só temos um campeonato brasileiro fixo e contínuo desde 2013.

Outra questão que se levanta é que no futebol feminino só vemos mulheres dentro de campo, mas a grande maioria de dirigentes, técnicos, e integrantes de comissões técnicas são homens. Certamente existem mulheres capacitadas para tais funções, porém raramente elas têm oportunidades para estas posições.

### 2.3 Preconceito nas arquibancadas

A jogadora de futebol não é a única que sofre preconceito por praticar o esporte que ama, quem também sofre muito são as torcedoras mulheres que gostam de acompanhar o futebol.

Aos poucos a presença feminina foi ganhando mais espaço no mundo do futebol, tanto que hoje em dia é possível ver muitas torcedoras e até mesmo muitas árbitras, técnicas, jornalistas esportivas e entre outros.

De acordo com o artigo “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol” escrito por Leda Maria Da Costa (2007), a ideia de que futebol “é coisa de homem” nunca esteve tão em baixa igual está agora, a mulher conquistou o seu espaço como torcedora

“Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.”

Um estudo realizado pelo Esporte Clube Bahia em agosto de 2018 mostrou que 69% das torcedoras do clube têm vivência de estádio e ainda assim, 23% delas afirmaram ter sofrido algum tipo de discriminação nas arquibancadas apenas pelo fato de serem mulheres.

Ou seja, o fato de cada vez as mulheres estarem marcando mais presença nas arquibancadas e no futebol num geral, não significa que elas ainda não sofram preconceito. Muitos homens não aceitam que mulheres possam gostar do mesmo esporte que eles e, mesmo que isso esteja diminuindo ao longo dos anos, ainda é infelizmente uma realidade que as mulheres torcedoras passam.

Vários movimentos foram criados com a busca de combater todos esses preconceitos, por exemplo o movimento toda Poderosa Corinthiana, encabeçado por torcedoras corinthianas, são iniciativas que vão além das arquibancadas, elas

militam em torno de temas que ainda oprimem as mulheres que gostam de futebol, como o machismo e o assédio.

Diversos outros clubes também tem movimentos como esse, criados por uma grupo de torcedoras dispostas a acolher outras mulheres que ainda sofrem muito com esse preconceito vindo dos homens. Algumas das campanhas e movimentos da luta para as torcedoras terem mais espaço no esporte também vieram diretamente dos clubes de futebol.

Segundo a reportagem *“Enfim, o futebol começa a ouvir o grito das mulheres de arquibancada”* realizado pelo El País, em março de 2018 o clube Atlético Mineiro promoveu uma campanha no dia internacional das mulheres, “não se cale”, na qual atleticanas levantaram cartazes escritos “Meu lugar é aqui”, para marcar esse território cada vez mais dominado por elas, as torcedoras atleticanas que fazem parte de um coletivo adoraram essa ideia e ficaram muito emocionadas com esse “primeiro passo” que o clube realizou.

O Clube Corinthians também realizou uma campanha nesse mesmo período, a campanha “respeita as minas”, uma campanha que ainda é muito presente no ano de 2020, no dia internacional das mulheres de 2018 no jogo do time masculino os jogadores entraram em campo acompanhados de jogadoras do time feminino e com um “respeita as minas” marcado no uniforme. Essa é uma campanha com várias iniciativas muito fortes, importantes e presentes.

Essas campanhas e movimentos, tanto as que são realizadas a partir das próprias torcedoras e até mesmo as que são iniciativa dos clubes são muito importantes pois fazem com que as mulheres se sintam mais acolhidas e até mesmo mais confortáveis a expressarem e mostrarem a sua paixão pelo futebol.

Um evento importante que aconteceu foi o “I encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada” foi um evento que ocorreu em em junho de 2017 no museu de futebol e reuniu torcedoras de diversos clubes do país inteiro para compartilharem suas lutas e vivências como uma mulher apaixonada pelo futebol.

Esse movimento surgiu através de um grupo do Whatsapp, que no começo era apenas um grupo informal de conversas entre as torcedoras, mas acabou tomando uma proporção enorme e quando viram já tinham pessoas o suficiente para fazer um evento.

Uma das organizadoras do evento, Kiti Abreu, disse que o principal motivo desse movimento era reunir rivais e uni-las a favor de uma única luta, a luta contra o machismo. Ela falou que sabe que não é uma luta fácil e que sabem que vai ser lenta e complicada mas com confiança que um dia vão chegar na missão de finalmente ter uma arquibancada igualitária.

Para Kiti Abreu, quando as mulheres demonstram que gostam de futebol elas se encontram praticamente obrigadas a passar por um teste de conhecimento vindo dos homens, perguntas do tipo “qual a escalação do seu time?” “O que é impedimento?”, demonstrando que ainda há bastante resistência em relação a presença da mulher nas arquibancadas. Além dos “testes de conhecimentos” que as mulheres tem que escutar dos homens em relação ao esporte em si elas também tem que aturar cantadas e assédios que reflete no machismo existente dentro do estádio.

De acordo com entrevistas e dados levantados pelo UOL para a reportagem *Mulheres driblam assédio e machismo e ganham espaço em estádios de futebol*, a maioria das torcedoras entrevistadas falaram que muitos homens apoiam esses movimentos feitos por torcedoras, mas também têm muitos que não entendem e acabam criticando.

“Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol” (Rigo et al. 2008, p. 185)



Ao longo do trabalho foi possível enxergar as dificuldades enfrentadas pela mulher nesse mundo do futebol, tanto as jogadoras quanto as torcedoras. É uma luta que não está nem perto de chegar ao fim mas que já vem apresentando resultados e algumas evoluções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desta pesquisa nos fazem observar com mais profundidade o machismo existente em nossa sociedade, especialmente no futebol. O machismo encontrado no meio do futebol feminino, gera dificuldades que as jogadoras enfrentam todos os dias para conseguirem ter os direitos de seguir sua carreira.

Para reforçar essa tese, constatamos que desde o surgimento do futebol as mulheres sempre foram vistas como secundárias ou até mesmo excluídas do esporte, mas mesmo assim é perceptível ver um histórico de lutas para conquistarem seu espaço.

Como mostrado neste trabalho, o primeiro time de futebol feminino foi fundado em 1894 na Inglaterra, mas as mulheres passaram a ter mais acesso ao esporte no começo do século XX, principalmente durante a primeira guerra mundial, quando os homens tiveram que ir para os campos de guerra e os campos de futebol ficaram disponíveis para o uso das mulheres.

Já no Brasil o futebol chegou em 1895 sob influência de Charles Miller, porém a primeira partida de futebol feminino só ocorreu em 1921 em São Paulo, gerando diversas críticas pois era um esporte considerado “bruto” para as mulheres.

Como visto, o preconceito era tão grande que em 1941 houve um decreto (decreto n.3.199) proibindo as mulheres de praticarem o esporte alegando ser algo incompatível com a natureza feminina, esse decreto durou até o final da década de 70. A partir de 1980 as mulheres começaram a ter uma participação maior nas competições esportivas, participando das olimpíadas e até mesmo tendo uma copa do mundo feminina de futebol conquistando mais espaço no futebol.

Como consequência desse histórico de conquistas, em 2017 a confederação sul americana de futebol tomou uma decisão importante para o futuro do futebol praticado pelas mulheres, obrigando todos os clubes a montarem um time feminino para que pudessem continuar disputando os campeonatos masculinos.

Também se popularizam as grandes jogadoras brasileiras como por exemplo a Marta, a rainha do futebol e a maior artilheira da história das copas do mundo. Além dela, é possível citar a jogadora Formiga que pode ser considerada uma das mais importantes jogadoras da seleção.

Conforme citado ao longo da pesquisa, existem diversos preconceitos que ainda são sofridos pelas mulheres, fortalecendo o mito do sexo fragil, têm suas capacidades físicas e individuais menosprezadas e, além de tudo, o preconceito em relação a sexualidade das atletas. Outro fator que foi possível observar é o fato dos meninos ainda dominarem os espaços destinados à prática esportiva, principalmente o futebol na escola, algo que acaba reforçando um preconceito cultural.

A questão salarial também foi abordada no decorrer da pesquisa. Constatou-se que o ganho das atletas mulheres em relação aos atletas homens apresenta uma diferença exorbitante. Mesmo com as mudanças que ocorreram nos últimos anos, as premiações dos campeonatos femininos ainda são muito menores.

Foi igualmente pesquisado os preconceitos (que também estão presentes no mundo do futebol) sofridos pelas torcedoras. Para combater essa situação, são realizadas, na maior parte pelas torcidas organizadas ou até mesmo pelos próprios clubes, campanhas que combatem o preconceito, incentivam e apoiam a presença das mulheres torcedoras no futebol.

As conquistas são inegáveis, mas ainda tem muito pela frente. Só com mais luta e resistência toda essa desigualdade tende a diminuir, conseqüentemente o preconceito também será menor, assim, finalmente o futebol feminino vai ganhar o reconhecimento que merece e as mulheres irão conquistar totalmente seu espaço no mundo do futebol.

## Referências Bibliográficas:

FRANZINI, FÁBIO; Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Disponível em

:[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci_arttext&tlng=ES)  
&script=sci\_arttext&tlng=ES Acesso em: 26/11/2019

SALVINI, LEILA; MARCHI JÚNIOR, WANDERLEY. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro .

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Jun 2016; Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/117524>. Acesso em: 02/12/2019

GOELLNER, VILODRE, SILVANA. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades . Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 1 jun. 2005;

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 26/03/2020

SILVA, GIOVANA CAPUCIM. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015; Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/pt-br.php>

Acesso em: 31/03/2020

SARDINHA, MACHADO, ESPERANÇA. A estrutura do futebol feminino no Brasil.

Revista Hórus. 2011; Disponível em:

<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/revistahorus/article/view/4087> Acesso

em: 31/03/2020

SALVINI, LEILA E JÚNIOR, MARCHI, WANDERLEY. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista placar da década de 1990; disponível

em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64742/37667> Acesso em: 01 fev. 2020

FEIJÓ, CARINE FRAGA. Futebol feminino : apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade; Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39178/000825760.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 02/02/2020

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata; Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/b424/5deb489c1d2d7043495614cbdca81b852df7.pdf> Acesso em: 03/02/2020

GLOBO ESPORTE. A História do FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. Disponível em:

<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-1920> Acesso em: 31 mar. 2020.

GLOBO ESPORTE. De Dois Riachos ao topo do mundo: em seis atos, a história de Marta, a garota que virou Rainha. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/de-dois-riachos-ao-topo-do-mundo-em-seis-atos-a-historia-de-marta-a-garota-que-virou-rainha.ghtml> Acesso em: 30 mar. 2020.

SPARTACUS EDUCATIONAL. British Ladies Football Club. Disponível em: Acesso em: <https://spartacus-educational.com/Fbritishladies.htm> 1 abr. 2020.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino Brasileiro: Uma revisão sistemática. Disponível em:

<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/30943/24406> ; Acesso em: 19 maio. 2020

EL PAÍS. Desigualdade salarial, explicada pelo futebol feminino dos EUA. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/13/economia/1562969288\\_335479.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/13/economia/1562969288_335479.html)  
Acesso em: 19 jun. 2020.

VEJA. Salário do futebol feminino brasileiro se equipara ao da série C masculina. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/salario-do-futebol-feminino-brasileiro-se-equipara-ao-da-serie-c-masculina/>. Acesso em: 7 ago. 2020.

UOL. **Mulheres driblam assédio e machismo e ganham espaço em estádios de futebol.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/27/mulheres-driblam-assedio-e-machismo-e-ganham-espaco-em-estadios-de-futebol.htm> Acesso em: 18 ago. 2020.

DA COSTA LEDA MARIA: O que é uma torcedora? Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/135243\\_es405.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/135243_es405.pdf). Acesso em: 21 ago. 2020

CORSETTI BERENICE; FURTADO CRISTINA MARCIA: A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277985619\\_ARQUIVO\\_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL\\_FAZENDOGENERO.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277985619_ARQUIVO_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL_FAZENDOGENERO.pdf); acesso em: 30 ago. 2020

UOL. Torcedoras se unem em busca de protagonismo na arquibancada. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/10/31/torcedoras-se-unem-em-busca-de-protagonismo-na-arquibancada/>; Acesso em: 1 set. 2020.

